

HAGIOGRAFIA: O PARTO DE UMA NOVA VIDA

André Miatello

Durante o tempo em que Agostinho de Hipona ainda dizia de si para si, acerca de sua sempre protelada conversão, “espera mais um pouquinho” (Confissões, VIII, v, 12), ele recebeu, em Milão, a visita de um conterrâneo seu, de nome Ponticiano; este, ao notar a empolgação de Agostinho pelas letras cristãs, destampou a contar-lhe das façanhas espirituais de Santo Antão do Egito, o aclamado pai do monasticismo oriental, sobre quem Agostinho nunca tinha ouvido falar. Ponticiano, então, contou para Agostinho que, um dia, dois amigos seus, que viviam em Tréveris, andavam pelas imediações da cidade quando encontraram um casebre de monges e, dentro dele, um volume intitulado “A Vida de Antão”. Um desses amigos, curioso, tomou o livro e começou a ler: então, “ele admirou-se e inflamou-se, e lendo cogitou abraçar aquela vida e te servir [ó Deus], abandonando suas funções seculares. [...] e exaltado pelo parto de uma nova vida, voltou a fixar os olhos no livro: lia e mudava por dentro, onde tu [ó Deus] ouvias, e sua mente se despia do mundo, como logo se tornou aparente” (SANTO AGOSTINHO, 2017: 211). E o que é mais interessante, aquele companheiro, que ouvia a leitura em voz alta da Vida de Antão, também abraçou o monasticismo naquele momento e naquele lugar. Eis o poder performático de um texto.

A Vida de Santo Antão pertence a essa classe de escritos cristãos que se convencionou chamar de hagiografia. Trata-se de um neologismo, provavelmente surgido no século XI, na pena de um monge chamado Goscelin de Saint-Bertin (morto em 1099), que ao mencionar um antigo manuscrito anglo-saxão, diz “na «agiographia» dos santos da Inglaterra informa-se onde estão as suas sepulturas” (PHILIPPART, 1991: 125). Antes dessa data, São Jerônimo tratava os escritos bíblicos como hagiographa [literalmente os escritos sagrados], enquanto Isidoro de Sevilha designava seus autores de hagiographi. Goscelin alarga o sentido antigo de hagiografia como ‘escritos sobre os santos’ e, com isso, conseguiu abranger sob um só termo um conjunto de escritos santorais muito variados, como as Vidas, as Paixões, os Trânsitos, os Elogios, as Legendas, os Espelhos, os Florilégios etc.

A ambiguidade semântica (texto santo ou texto sobre santos) contribuiu para valorizar e multiplicar as narrativas mais ou menos biográficas que envolviam pessoas falecidas, a quem as comunidades eclesiais consideravam excepcionais e exemplares. Seu caráter sagrado, ademais, permitia e incentivava tanto um uso comunitário, dentro da liturgia eclesial, quanto um uso privado, durante a devoção individual, como recurso textual para a oração particular. Como Agostinho nos permite notar, a Vida de Santo é eficaz seja quando se manuseia o volume, como ocorreu com os amigos de Ponticiano, seja quando dela se fala, em rodas de conversa, como foi o caso de Agostinho ao escutar o seu conterrâneo. Com ou sem a presença física do livro, atribui-se à narrativa santoral uma performance eficaz que sensibiliza leitores e ouvintes, Agostinho afirma literalmente que a Vida de santo “faz parir uma nova vida”.

A Vida de santo é um suporte escrito de uma trajetória biográfica, cujo conteúdo se adaptava bem à necessidade da divulgação de exemplos úteis para a comoção emocional (e maior adesão religiosa) de seus destinatários. Não nos esqueçamos da natureza missionária, expansiva e propagandista do cristianismo. A matéria hagiográfica, portanto, é peça fundamental para a comunicação intereclesial e intra-eclesial, sempre procurando suscitar um maior engajamento pela via da reminiscência do testemunho pretérito de cristãos exemplares, ampliando assim o sentido de comunidade e aprofundando a sua autoconsciência. Agostinho, que havia sido um afamado professor de retórica, não tinha dúvidas de que os exemplos impactavam as pessoas muito mais do que as ideias abstratas apresentadas por um orador.

MIATELLO, André. HAGIOGRAFIA: O PARTO DE UMA NOVA VIDA. *Hagiografia e História*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



Assim, a hagiografia, como técnica, e a Vida, como produto, mobilizam recursos comunicativos que tornam a mensagem cristã incrivelmente adaptável aos mais diferentes contextos sociais e situações culturais, pois o santo ou a santa, cuja vida se narra, era, na maior parte das vezes, pessoas locais, conhecidas direta ou indiretamente pela população local. Uma igreja é mais do que um templo, é uma comunidade e, como tal, precisa integrar pessoas, dar-lhes um sentido comunitário, e o santo, sobretudo quando se trata de um conterrâneo, servia como intérprete do passado daquela comunidade, e servia como ponte entre o passado e o presente, entre um crente individual e a comunidade de crentes, entre o tempo histórico da vida terrena e todas as possibilidades de uma eternidade trans-histórica. O santo, cuja vida se registra por escrito, é um cristão de ontem que já se encontra no futuro da expectativa escatológica, a vida eterna. Daí que ele é sempre vivente, mesmo que, no presente histórico, as pessoas vejam apenas seus ossos, não sua glória. E com isso, voltamos a Goscelin de Saint-Bertin.

Ao associar hagiografia e sepulturas de santos, Goscelin nos apresenta a íntima ligação entre comunidade local e os espólios mortais de seus santos. O corpo de um santo interessa tanto quanto os exemplos de sua vida. O corpo presentifica o santo, enraíza-o num lugar, materializa-o na transcendência de sua presença ausente; a Vida fala de um santo sepultado, um testemunho concreto de alguém que morreu por sua comunidade. A hagiografia, portanto, ilustra narrativamente o que o corpo santo faz fisicamente: milagres, isto é, sinais visíveis que produzem não menor edificação: confirmam que o santo é ‘santo’ e permitem que os miraculados sintam a sua presença e testemunhem, em seus próprios corpos curados, o benefício dessa fraternidade mística entre a comunidade e o seu patrono. A hagiografia, como escritos sobre santos, é semelhante a um palco de teatro onde são encenados os dramas de uma comunidade resgatada por seu herói. Atualizando o seu autossacrifício, a comunidade atualiza o sentido de pertença, pois ao tratar de seu modelo, a comunidade denuncia a distorção de sua própria imagem. Cabe aos historiadores interpretar a imagem invertida no espelho.

Para saber mais

HEFFERNAN, Thomas J. **Sacred Biography. Saints and Their Biographers in the Middle Ages.** Nova Iorque: Oxford University Press, 1992.

MIATELLO, André. **Santos e Pregadores nas cidades medievais italianas.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

PHILIPPART, Guy. Le saint comme parure de Dieu, héros séducteur et patron terrestre d’après les hagiographes lotharingiens du Xe siècle. In : **Les Fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe-XIIIe siècle).** Roma : École Française de Rome, 1991, p. 123-142.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** Tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammi. 2ª edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

MIATELLO, André. HAGIOGRAFIA: O PARTO DE UMA NOVA VIDA. *Hagiografia e História.* In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

